

RESENHA

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Lisboa : Relógio d'Água, 1991.

Hellen Pereira de Almeida¹

Simulacros e Simulação: até que ponto o que vivemos pode ser considerado real?

“*Simulacros e Simulação*” pode ser interpretada como obra a frente do seu tempo, na qual o autor crê que o mundo pós-moderno vive não uma realidade, mas sim um perfeito *simulacro*, -quando a simulação é tão perfeita, que já não é possível diferenciá-la do real- para convencer o leitor de tal, o autor aborda conceitos como: hipermercados, experimentos científicos em animais, qual o verdadeiro valor das universidades pós-modernas, entre outros aspectos sociais que unidos ao fim da leitura, faz cada um se questionar sobre o que é realmente *verdadeiro* em suas vidas (especialmente com essa “Era digital” em que vivemos).

Para tal efeito, o autor dispõe de dezoito capítulos, sobre os mais variados aspectos da sociedade. Estes, por sua vez, dissertados em 201 páginas e uma linguagem capaz de despertar a curiosidade do leitor.

“O simulacro nunca é o que oculta a verdade- é a verdade oculta que não existe. O simulacro é verdadeiro” (ECLESIASTES). É com tal citação que a leitura se inicia, a mesma que define perfeitamente o significado de simulacro. Contudo, é possível pensar: “qual é a diferença entre a simulação e o fingimento?” Para responder tal inquietação, o autor se permite a uma exemplificação clara: “Aquele que finge uma doença pode simplesmente manter-

¹ Estudante de Jornalismo no Centro Universitário Fluminense (UNIFLU). [Currículo do Sistema de Currículos Lattes \(Hellen Pereira de Almeida\) \(cnpq.br\)](#)
Email: hellen.p.a@hotmail.com

se na cama e se fazer crer que está doente. Aquele que simula uma doença determina em si próprio alguns sintomas”. (BAUDRILLARD, 1991, p.9). Além do mais, o próprio pensa na cidade de Los Angeles e seus parques (Disneylândia, entre outros). Como um ambiente para o qual se vai com o objetivo de viver um simulacro: fugir dos impasses da vida real e se deixar enganar pela magia momentânea do ambiente.

Além disso, diz que o cinema é um perfeito simulacro, onde como em filmes que retratam a 2º Guerra Mundial, o fazem de forma mais “romantizada”, sendo nesta “simulação de catástrofe” a qual o povo tende a crer. Portanto, há uma grande manipulação social por parte da mídia, a qual, de acordo com o próprio só poderá ser rompida com uma “catástrofe real” ao qual a:

Natureza se entrega de tempos a tempos[...] desfaz o equilíbrio do terror em que os humanos estão encerrados. Mais perto de nós é a isso que se entrega também o terrorismo: a fazer surgir a violência real, palpável, contra a violência invisível da segurança. É aí, de resto, que reside a sua ambiguidade. (BAUDRILLARD, 1991, p. 76).

Como meios de manipulação e falso prestígio e satisfação social, critica os hipermercados (Nova forma de encontro social onde nos perdemos em suas mercadorias buscando uma satisfação que já não é a de sua origem, mas pessoal. Onde ela nos pergunta o motivo de a queremos) e o museu de arte Beaubourg. Sobre os hipermercados se tem como conclusão que já não se compra algo por seu real significado, mas pela satisfação e elevação social que aquilo pode lhe trazer. Os verdadeiros mercados são aqueles simples, dentro dos bairros. Já esses hipermercados, têm outro significado:

O hipermercado é a expressão de todo um modo de vida do qual desapareceram não apenas o campo, mas também a cidade, para dar lugar a aglomeração urbana funcional inteiramente sinalizada, da qual é o equivalente, o micromodelo no plano do consumo. Mas seu papel ultrapassa de longe o consumo e os objetos já não têm aí realidade específica: o que é preponderante é a sua disposição social, circular, espetacular, futuro modelo das relações sociais. (BAUDRILLARD, 1991, p. 99).

Sobre Beaubourg, consta que o mesmo faz com que as pessoas anseiem pela cultura a qual nunca tiveram acesso. Não por realmente a desejarem, mas para poderem falar que fizeram parte da sua existência e de seu luto após sua

morte na sociedade. Tal museu, tem a cultura apenas como fachada para seu verdadeiro objetivo: induzir as massas a ter um mesmo fluxo humano e mental.

Muito além das instituições tradicionais do capital, do hipermercado ou Beaubourg (hipermercado de cultura) este já o modelo de toda a forma futura de socialização controlada: resultado num espaço-tempo homogêneo de todas as funções dispersas, do corpo e da vida social [...] transcrição de todos os fluxos contraditórios em termos de circuitos integrados. Espaço-tempo de toda uma simulação operacional da vida social” (BAUDRILLARD, 1991, p.89).

Todavia, uma de suas análises mais intrigantes é a relação entre animais e humanos. Na qual, além de criticar a ciência por experimentos em animais, alega que ambos somos manipulados socialmente e que ambos necessitam de uma certa liberdade. Caso o contrário, as doenças mentais (depressão, ansiedade, etc.) são praticamente certas. O que resulta na necessidade da existência da psicologia.

No fundo, a linha que os animais seguiram não é diferente da loucura e da infância, do sexo ou da negritude. Logica da exclusão, da reclusão, da discriminação e, necessariamente, em troca, lógica de reversão, violência reversível, o que faz com que toda sociedade acabe por alinhar pelos axiomas da loucura, da infância, da sexualidade e das raças inferiores (expurgadas, é preciso dizê-lo, da interrogação racial que faziam pesar a partir do próprio coração da sua exclusão). (BAUDRILLARD, 1991, p.167).

Sobre universidades, alega que a mesma é “deliquescente: não funcional no plano social do mercado e do emprego, sem substancia cultural nem finalidade de saber” (BAUDRILLARD, 1991, p. 183). Residência onde o único objetivo real é o lucro. Porém, as greves mostram esperança, ao lutarem pela educação em si. Contudo, as mesmas não são o suficiente. A única solução real é a morte desses estabelecimentos como os conhecemos hoje. Morte essa total, para que se possa criar novas universidades, essas por sua vez, sem nenhuma influência das anteriores. Com valores totalmente diferentes.

Portanto, conclui-se que se trata de uma excelente leitura para um universitário que busque refletir sobre a sociedade em que vivemos. Ou, quem sabe, para um admirador da obra cinematográfica “Matrix” que deseja compreender qual foi a inspiração base para tal criação. Apesar de, sobre a

mesma, Baudrillard confirmar que “Os diretores se basearam em meu livro, mas não o entenderam”² .

Jean Baudrillard (1923-2007) foi sociólogo, filósofo e fotógrafo francês. O qual lecionou sociologia na Universidade de Nanterre. Ademais, com suas obras criticou a sociedade consumista, os meios de comunicação e as massas sociais (acreditando que tais são cúmplices do estado atual da mesma). Entretanto, se tornou conhecido pelo público ao encerramento da Guerra do Golfo, quando escreveu argumentando que mesma não passava de uma farsa.³⁴

² N. E.: Em entrevista à revista Época em 2009:
<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,ERT37985-15220-37985-3934,00.html>. Acesso em: 29 dez. 2020.

³ N. E.: Ver entrevista à Folha de São Paulo em 2003:
<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2804200318.htm> . Acesso em: 29 dez. 2020.

⁴ N. E.: Em 1991, Baudrillard publicou “A guerra do Golfo não terá lugar”, tanto como artigo no jornal Libération quanto como um dos capítulos de seu livro Guerra virtual, guerra real - reflexão sobre o conflito no Golfo, editado pela portuguesa Passagens.